

inescrupuloso processo de superfaturamento. Os únicos beneficiados são, enfim, os velhos conhecidos da política brasileira.

É triste perceber-se que não há limites para a corrupção no País e que a impunidade continua a estimular um acintoso assalto ao patrimônio público. Novas e vultosas riquezas são forjadas à sombra dos privilégios e favores governamentais. Enquanto isso, o Brasil está mergulhado numa recessão sem precedentes em sua história. O déficit público, alimentado pela corrupção e pela política de juros patrocinada pelo governo, alcança níveis alarmantes, não obstante o arrocho salarial imposto ao funcionalismo público, o qual foi eleito pelo tucanato como vilão preferencial dos desajustes verificados nas contas públicas. Os fatos narrados mostram mais uma vez de forma inequívoca a vigência de uma política que se caracteriza por uma inconsistência entre o diagnóstico, o discurso empolado e a ação. As reformas institucionais, que deveriam ter sido realizadas logo após a implantação do real, foram preteridas em favor do projeto de reeleição do presidente da República. Os efeitos dessa decisão podem ser sentidos hoje pela população que passa por grandes dificuldades: desemprego, falta de assistência à saúde, educação pública precária, concentração de renda agravando-se, violência social e, pior, uma completa falta de perspectiva quanto ao futuro próximo. O atual governo ausentase até mesmo de atividades que são típicas do Estado a pretexto de modernizar a gestão pública. Enquanto isso, o buraco está sendo escavado...●

\* *Almir Bittencourt da Silva* é professor de economia /UFPI, Mestre em Teoria Económica/CAEN

## A ECONOMIA E A GUERRA

CARLOS MIRANDA NOVACK \*

O nazismo, a versão alemã da ideologia fascista, fundamentava-se economicamente no desenvolvimento de um intenso programa de reativação da produção daquele país (arrasado pela 1ª Guerra Mundial), via indústria armamentista. Como o aumento contínuo da produção deste setor era necessário para garantir o pleno emprego na economia alemã, fazia-se mister que estas armas fossem destruídas, e, conseqüentemente substituídas por novos armamentos, assegurando desta forma, a demanda da produção bélica.

Os Estados Unidos da América do pós-guerra adotaram este modelo nazista de implemento à indústria bélica através de guerras. O advento da "Guerra Fria" justificava os recursos empregados em novas pesquisas tecnológicas deste setor, bem como a absorção da sua produção pelo setor governamental. No entanto, esta parceria entre o governo norte-americano e sua indústria armamentista não parou por aí.

As guerras da Coreia e do Vietnã impulsionaram os lucros desta indústria, porém com a forte oposição popular interna, que não admitia ver seus compatriotas morrendo numa guerra distante e sem sentido, o governo norte-americano mudou a estratégia e incrementou seu apoio às revoluções (e contra-revoluções) e às guerras nos países do terceiro mundo.

Com o fim da "Guerra Fria" e a subsequente perda do seu mercado cativo, o governo, a indústria bélica norte-americana buscava soluções para suplantear a crise que a abatia, pois a opinião pública norte-americana não apoiava mais os gastos militares, já que o "inimigo", o comunismo, fora vencido.

Com o início da Guerra do Golfo, em 1990, a parceria indústria bélica - governo norte-americano é novamente fortalecida, pois eles voltaram a ter um inimigo a quem combater, no caso, Saddam Hussein, antigo aliado americano na guerra contra o Irã e cliente da indústria armamentista dos EUA. A partir daí, a sociedade norte-americana aceita passivamente que parte de seus tributos sejam destinados para reequipar o aparelho militar do Estado.

Bill Clinton, no seu primeiro mandato como presidente dos EUA, defendeu a redução dos gastos militares no orçamento norte-americano, entretanto, o lobby da indústria bélica norte-americana é assaz poderoso, e após sua reeleição em 1996, o chefe do executivo daquele país reviu sua posição e ampliou a parceria do orçamento destinada aos gastos militares.

Três dias antes da votação do processo de impeachment de Bill Clinton pela Câmara dos Representantes, o presidente norte-americano ordenou a operação Raposa do Deserto, onde juntamente com a Inglaterra bombardeou o Iraque apesar dos protestos da comunidade internacional e da própria ONU, que não fora consultada.

Todavia, o mandatário do Executivo norte-americano visava com aquela operação militar, obter dividendos políticos, pois o apoio da população inviabilizaria o seu impeachment, além de gerar lucros para a indústria bélica norte-americana (sua aliada política), já que foram utilizados mais mísseis e bombas naquela operação do que em toda Guerra do Golfo. É importante ressaltar que no ataque ao Iraque, em 1990, vários

países, e, no ataque mais recente ao Iraque, favoreceu-se apenas as indústrias bélicas norte-americana e inglesa.

A escalada da violência continua na agressão ao Sudão e Afeganistão, na permanência dos bombardeios na zona de exclusão aérea iraquiana, e culmina com a "nova guerra" na Iugoslávia quando "Forças de Paz" da OTAN capitaneados pelos EUA levam a guerra a um país soberano, supostamente para defender os albaneses de Kosovo, ou seja, causam o sofrimento a toda a população do país, arvorando-se como defensor de uma fatia desta população. Dizem eles que a guerra trará a paz, embora o antônimo da guerra, seja paz.

Mais uma vez os EUA esvaziam a ONU desacreditando-a como palco de solução dos problemas mundiais, contrariando grande parte da comunidade internacional que defende as soluções pacíficas e diplomáticas, as quais não correspondem aos interesses do capital bélico, que parece mais ser sócio do governo norte-americano. Alguns números da operação da OTAN na Iugoslávia corroboram esta parceria. Dos 400 aviões que participaram das manobras nos Balcãs, 260 eram americanos, sendo que 20 deles, B-2. Eles carregam 16 mísseis cada e são invisíveis à maioria dos radares. O custo de cada avião B-2 é de US\$ 2,1 bilhões, logo a frota destes aviões equivale aproximadamente ao empréstimo que o FMI destinou ao Brasil para "salvar" nossa economia na crise mais recente. Cada míssil que foi utilizado nos combates àquele país, custa US\$ 1 milhão cada.

Por conseguinte, percebe-se que a guerra é um excelente negócio para a economia norte-americana, sobretudo sua indústria bélica: Pergunta-se então, qual será o próximo país que os EUA atacam? Obviamente algum país que não concorde com o modelo econômico neo-liberal imposto pelos norte-americanos aos

países em desenvolvimento, isto é, países que adotam a ideologia nacionalista, assim como Iraque e Iugoslávia, e, portanto, fecham seus mercados para as empresas norte-americanas. Ademais, é conveniente afirmar que não se anseia defender ditadores sanguinários como Saddam Hussein e Slobodan Milosevic, mas, a população inocente destes países. Afinal, os próprios agressores reconhecem que visavam atingir a administração desses ditadores, e, embora seja muito mais crível e barato alcançar este objetivo por meios pacíficos, através da criação e fortalecimento de uma oposição interna a estes tiranos, eles insistiram no ataque aéreo motivados pela maximização dos lucros da indústria bélica.

**" É TRISTE  
VERIFICAR QUE APÓS  
85 ANOS EM QUE A  
HUMANIDADE  
OBTVEU UM  
PROGRESSO  
INTELLECTUAL  
EXTRAORDINÁRIO,  
ENCONTRA-SE TÃO  
AQUÉM NA SUA  
EVOLUÇÃO MORAL."**

Vale ressaltar que a 2ª Guerra Mundial foi a resposta obtida pelo modelo econômico nazista de privilegiar o setor bélico. Da mesma forma, ao incrementar o seu setor de armamentos continuamente, o presidente norte-americano pode chegar ao ponto de não poder mais retroceder, seja pela força política deste setor naquele país, ou mesmo, pelos inimigos internacionais conquistados ao longo do processo armamentista, tais como países, grupos religiosos e étnicos. O perigo de uma 3ª Guerra Mundial recrudescer cada vez mais, e deve-se em grande parte a obsessão pela riqueza, sustentada e respaldada pelo sistema capitalista de produção.

É importante recordar que a 1ª Guerra Mundial teve início após as guerras balcânicas e de uma corrida armamentista. Um mês após o assassinato do arquiduque herdeiro da Austria-Hungria por um estudante sérvio, a Austria-Hungria declarou guerra à Sérvia em 28 de Julho de 1914 deflagrando assim o primeiro conflito de proporções mundiais, devido ao sistema de alianças que propunha que, guerra a um país aliado é guerra aos aliados. Uma aliança era formada pela Alemanha, Austria-Hungria e Turquia, enquanto a outra era formada por Sérvia e Montenegro (hoje Iugoslávia), França, Grã-Bretanha e Rússia, dentre outros. No conflito atual predominou a França, Inglaterra, EUA e Alemanha (que teve participação ativa nas duas grandes guerras, e há 54 anos não atacava outro país) pela Aliança militar conhecida como OTAN. Em contrapartida, a Iugoslávia tem o apoio da Rússia, da China, da Índia e da Bielorrússia.

É triste verificar que após 85 anos em que a humanidade obteve um progresso intelectual extraordinário, encontra-se tão aquém na sua evolução moral. O verdadeiro motivo que levou os países para as duas grandes guerras, a luta por mercados para a venda de seus produtos, ou ainda, a ambição pelo poder, ou melhor dizendo, numa análise mais geral, o egoísmo, continua sendo um sentimento arraigado no ser humano.

Faz-se útil e oportuno o clamor da população contra esta escalada de violência provocada por este insano governo norte-americano que imagina-se o xerife do mundo e pensa que o planeta Terra é o velho oeste americano, onde ele deve atuar, assassinando quem não comungar com seus ideais nem admitir suas imposições, como já o fizera com os índios que anteriormente habitavam aquelas terras. ●

\* Carlos Miranda Novack é aluno do Curso de Economia /UFPI